

Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica
e Heranças Contemporâneas*

Vol. III

**Francisco Oliveira, Jorge Oliveira
e Manuel Patrício**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

PARA UMA CARTOGRAFIA DOS CULTOS RELIGIOSOS NO ALTO ALENTEJO EM ÉPOCA ROMANA

ANDRÉ CARNEIRO
Universidade de Évora
CIDEHUS

Abstract

The set of epigraphs of votive character from Upper Alentejo totals over forty examples. Some considerations regarding the possible provenance of the pieces will be presented.

Keywords: divinities, Roman settlement, votive epigraphy

Palavras-chave: divindades, epígrafia votiva, povoamento romano.

1. Introdução

A investigação arqueológica realizada no território do Alto Alentejo permitiu identificar até ao momento um conjunto de mais de quarenta epígrafes de formulário votivo. Trata-se de um número relevante, tendo em consideração a descontinuidade e o ainda incipiente estado dos trabalhos, com numerosas áreas regionais onde o grau de conhecimentos é relativamente escasso.

O aspecto que aqui mais interessa explorar tem a ver com a tentativa de determinação do contexto arqueológico de proveniência. Em alguns dos casos a informação é um pouco mais específica, embora em nenhum seja absolutamente precisa¹; como veremos, em alguns casos podemos determinar o sítio arqueológico, em outros o possível local de proveniência, mas na maior parte das situações a epígrafe aparece-nos como uma peça solta, desgarrada de qualquer local ou de contexto de proveniência.

2. Catálogo e comentários

Apresenta-se o elenco das epígrafes votivas do Alto Alentejo, comentando-se o seu local concreto de proveniência².

I. Salavessa (Nisa)

LV[P]VS • LAN/CI • [filius] QVAN/CEIO • TAN/NGO • / V (*otum*) • S (*olvit*)

¹ Ou seja, não há uma única epígrafe sobre a qual saibamos o exacto local onde a peça foi achada. Não dispomos de nenhuma planta ou fotografia da estrutura ou enquadramento de proveniência, mesmo nas raras situações em que a descoberta ocorreu em contexto de escavação.

² As referências bibliográficas são as principais; nelas o leitor poderá encontrar indicações mais específicas.

Não existe qualquer informação sobre o seu contexto de proveniência. Na zona de Salavessa não são conhecidos sítios romanos que possam ser relacionáveis com esta peça. Próximo do aglomerado urbano existe a *Salavessa Velha* ou *Salavessinha*, mas trata-se de um sítio medieval sem ocupação no contexto temporal em análise.

Bibliografia: PDM Nisa n° 135; IRCP n° 641; RP 6/18.

II. Capela da Senhora dos Prazeres (Nisa)

[...] VS • Q/[VAN]/CEI[O] / TAN[GO?] V(*otum*) • S(*olvit*) • L(*ibens*) •
M(*erito*)

Ara votiva que se encontra embutida em lintel de um anexo na Capela da Senhora dos Prazeres, no complexo cultural da Senhora da Graça. Por se encontrar em contexto secundário, desconhece-se a sua proveniência original.

Bibliografia: FE 23 n° 106; PDM Nisa n° 57

III. Cruzeiro da Senhora da Graça (Nisa)

[...] QV/[AN]GEO V(*otum*) / A(*nimo*) L(*ibens*) [S(*olvit*)]

Esta epígrafe e a precedente serão certamente provenientes do próprio monte de Senhora da Graça, um santuário de grande relevância na organização simbólica do actual espaço a Norte de Nisa, cuja elevação alberga um povoado com ocupações da Idade do Ferro e romana. Vigiando a passagem da ribeira de Nisa, onde actualmente se encontra uma ponte de provável fábrica romana, o local terá perpetuado uma relevância cultural e religiosa até à actualidade. Próximo do cruzeiro terá existido um povoado romano, insuficientemente caracterizado e ainda hoje conhecido como *Nisa Velha*.

Bibliografia: FE 23, n° 103; PDM Nisa n° 58

IV. Pêro Galego (Nisa)

Deste local são provenientes três aras:

IV.1.

CELTIVS / TONGI / F(*ilius*) • IOVI R/EPVLSO(*ri*) / A(*nimo*) L(*ibens*)
V(*otum*) • S(*olvit*)

Bibliografia: IRCP n° 638; PDM Nisa n° 181

IV. 2.

CIRME / CRI • SER/ VOTVM / SOLVIT

Bibliografia: PDM Nisa n° 183; IRCP n° 639

IV.3.

TANGINVS / DOCQUIRI F(*ilius*) IO/VI REPVLSORI / [ANI]MO [LIBE]/
NS [V(*otum*) S(*olvit*)?]

Bibliografia: IRCP n° 640; PDM Nisa n° 182; RP 6/20

As três epígrafes configuram uma das situações mais interessantes que esta área regional apresenta: a possibilidade de estarmos perante uma estrutura cultural de homenagem a *Iupiter*, aqui com o epíteto *Repulsori*. As indicações expressas por Leite de Vasconcelos não são esclarecedoras: “*herdade de Pero Galego [...] onde apareceram as lapides no sitio da Fonte de Feia, numa vinha*” (1930-1931: 183), estando duas em contexto secundário, reaproveitadas em construções. Uma terceira (IV.2.) apareceu posteriormente à visita do fundador do actual Museu Nacional de Arqueologia (MNA): “[...] o D.^{or} Basso [...] trouxe-me a boa nova do aparecimento de mais uma ara nesta última herdade [...]” (1930-1931: 184). Esta informação de Leite de Vasconcelos pode ser confirmada pela leitura do seu epistolário, depositado no MNA. Em carta enviada pelo seu correspondente José Fraústo Basso, datada de 05-05-1931, lê-se: *Comunico hoje a agradável noticia de que nesta data seguiram para Belem em quatro caixotes, com o peso total de 450 quilogramas, as quatro inscrições romanas [...] três das pedras que seguem foram encontradas no sitio da Fonte da Feia*³. A vinha referida já não existe, o que inviabiliza a definição correcta do achado. No topo da elevação e encosta oriental nenhum indício material foi encontrado, sendo evidente a implantação dominadora. Dada a inexistência de notícias de achados nesta herdade, é de supor que a proveniência das epígrafes seja de uma estrutura cultural e não do âmbito doméstico de uma *villa*. Seja como for, trata-se de um micro-território que mereceria um programa de prospeções muito sistemáticas.

V. Tapada de PaiAnes (Nisa ou Castelo de Vide)

P(*ublius*) CARMINI / VS MACER EX VOTO

³ Correspondente n° 2998, carta 1756. A estadia de José Leite de Vasconcelos na região decorreu em Abril desse ano; portanto, o envio das epígrafes foi feito nos dias imediatamente posteriores.

O caso da Tapada de PaiAnes é paradigmático das dificuldades que se colocam no rastrear dos contextos de campo a partir das informações antigas e do modo como as alterações na estruturação da paisagem – neste caso, dos registos de propriedade – colocam entraves a uma correcta percepção do percurso dos materiais e dos próprios sítios. Na margem esquerda da ribeira de Paianes, já no actual concelho de Castelo de Vide, encontra-se um notável sítio arqueológico. Trata-se do local de Mosteiros, onde nos anos setenta foi escavado um forno romano no âmbito dos trabalhos da Carta Arqueológica de Castelo de Vide⁴. Embora a autora refira uma *vasta área* e que *os vestígios do domínio romano estendem-se por terrenos de diversos proprietários* (p. 139), parte dos núcleos estruturais parecem não ter sido detectados, pois não estão mencionados. Mas a situação não escapou à atenção de Leite de Vasconcelos, que expressamente declara que a *sua extensão é que era muito grande [...] não inferior a quatro hectares* (1930-1931: 179). É através deste autor que se esclarece a situação: *Passemos às ruínas. Ficam na antiga herdade da nobre família de Linhares, que a aforou em vários lotes – herdade situada entre a vila de Nisa e o lugar de Póvoa e Meadas. [...] Ao lavrar-se a terra, descobriram aí os arados, este ano, alicerces antigos de casas [...]. Dr. Basso [...] mandou fazer pesquisas cautelosas [...] não havia duvida que elas [ruínas] eram romanas.* (p. 178). A progressiva compartimentação de uma grande propriedade levou às subsequentes alterações toponímicas, e hoje o terreno é conhecido por Mato da Póvoa ou, no caso específico, de Mosteiros, fruto da existência no local de antigas construções medievais que, aliás, reaproveitam abundantes materiais e cavalgam estruturas romanas. O próprio Dr. Basso, na epístola já citada⁵, apresenta *a restante [epígrafe] no Mato da Povoá ou Pai Anes*.

Bibliografia: PDM Nisa nº 106; IRCP nº 637

VI. Ammaia (Marvão)

Da cidade são provenientes as seguintes epígrafes:

VI. 1.

GENIO • OPPID[I] / CONSTITVT[I] / SACRVM // C(aius) ANNIVS / VALENS / A(nimo) L(ibens) D(edit)

Bibliografia: IRCP nº 604

VI. 2.

I(ovi) O(ptimo) MAX(imo) / AELIA [?] / MAXIM/A TITVL/I (flia) A(nimo)
• L[IBEN]/S • V(otum) • S(olvit)

⁴ Rodrigues 1975 139-14; é por esta menção que o local surge em inventários posteriores, como em RP 6/35 (entrada PaiAnes) e 6/36 (entrada Mosteiros) e Gorges 1979 464-465.

⁵ Ver nota 4.

Bibliografia: IRCP n° 605

VI. 3.

IOVI / O(*ptimo*) • M(*aximo*) / T(*itus*) CATEIVS [?] / QVIETVS

Bibliografia: IRCP n° 606

VI. 4.

IOVI / SACRVM / FAVSTVS • / BASSI • LIB(*ertus*) / A(*nimo*) • L(*ibens*) •
V(*otum*) • S(*olvit*) •

Bibliografia: IRCP n° 607

VI. 5.

IOVI • O(*ptimo*) • / M(*aximo*) • FVSCA • / VITVLI • LIB(*erta*) / A(*nimo*) •
L(*ibens*) • S(*olvit*)

Bibliografia: IRCP n° 608

VI. 6.

OCRIMIR/AE • SAC(*rum*) • / IVLIA • SA/TVRISCA / A(*nimo*) • L(*ibens*) •
V(*otum*) • S(*olvit*)

Bibliografia: IRCP n° 609

Sobre este conjunto epigráfico obviamente não há grandes considerações a tecer em termos de proveniência, dado que se trata da consabida cidade de *Ammaia*. A concentração de epígrafes a *Iovi Ótimo Máximo* também não é surpreendente, tendo em conta a expressão do culto imperial consubstanciada na estrutura do templo que coroa o fórum. Quanto à manifestação de *Ocrimira*, uma divindade local, é de considerar a hipótese já proposta por Vasco Mantas de haver no complexo do fórum (ou em outro ponto do aglomerado urbano) um segundo templo, congregador das comunidades locais⁶. De referir ainda que todas as epígrafes são dedicadas por indígenas ou libertos, o que diz muito do substrato étnico que compunha a população da cidade⁷.

Desta área regional, eventualmente da cidade ou das suas imediações, temos a seguinte epígrafe:

⁶ Mantas 2000 405-408. Sendo interessante notar que, embora o formulário seja absolutamente latino, a dedicante será indígena.

⁷ “Em 1998 surgiu uma segunda ara, dedicada ao *genio ammaiensi*, no sítio das Hortas Velhas (Alvarrões) [...], embora em prospecções ali realizadas não registássemos qualquer vestígio arqueológico” (Pereira 2005 59). Desta peça ainda não foi apresentada leitura.

VI. 7. Barretos (Marvão)

TOGAE • AL/ MAE S(*acrum*) • NO/VELA • NA/NIAE • LIB/ERTA/ V(*otum*)
 • A(*nimo*) • L(*ibens*) • S(*olvit*)

Bibliografia: IRCP n° 611; Oliveira, Pereira e Parreira: n° 159; RP 6/62A

A epígrafe é proveniente de um local com topónimo sugestivo, Fonte dos Mortos, onde Afonso do Paço (1953 109) identificou uma necrópole relacionada com um local de habitat.

VII. Mascarro (Castelo de Vide)

[...] / [VS?] IVNII / IQALV [?] / ARI [?] A(*nimo*) L(*ibens*) / V(*otum*) S(*olvit*)

É seguro o contexto de proveniência da peça, tratando-se de uma *villa* que foi inclusivamente alvo de trabalhos de escavação (Rodrigues 1975: 170). Todavia, não é mencionado o exacto local de proveniência da epígrafe, que nos aparece assim como um elemento descontextualizado, embora provavelmente fizesse parte de um *lararium* doméstico. De salientar o contraste entre o bom modelamento do suporte pétreo da peça e a fruste gravação do campo epigráfico, o que pode indicar que a peça foi adquirida e só mais tarde gravada no sítio.

Bibliografia: IRCP n° 613; RP 6/57

VIII. Colegiada (Castelo de Vide)

[...] / MAR[CI F(*ilius*)] (?) / EX CO[NS(*ulto*)] (?) / ANDAIECQ / P(*ius*?)
 P(*osuit*?)

Recolha de superfície em zona onde se encontram alguns alinhamentos de muros que podem corresponder à existência de uma *villa*. A memória de existência de uma igreja sobreviveu na tradição oral.

Bibliografia: FE 49 n° 221

IX. Monte do Chocanal (Crato)

IOVI / OPTVMO / MAXVMO / VICANI / CAMALO / C [...] IN [?]

Uma das epígrafes mais interessantes para esta região, não tanto pelo teónimo indicado (aliás repetitivo), mas pelo raro exemplo do dedicante: os *vicani camalo*[*cani?*, *censis?*], que nos indicam a existência de um

aglomerado urbano de importância secundária próximo da actual localidade de Crato.

Não tem sido fácil encontrar uma correspondência entre a menção e as realidades materiais no terreno. A respectiva ficha de sítio menciona *uma área de cerca de 1200m²*, obviamente pouco coincidente com a importância de um *vicus*, e ainda *um muro construído com grandes blocos de granito*, eventual *podium* de uma estrutura⁸. Junto à actual casa agrícola encontravam-se alguns blocos de granito que não foram poupados pelas recentes obras de recuperação do imóvel, e em alguns pontos dispersos são visíveis manchas de cerâmica de construção. Dada a raridade da menção epigráfica, trata-se de (mais um) local que merecia uma investigação atenta e devidamente estruturada.

Bibliografia: IRCP nº 609; RP 6/104

X. Reguengo (Alter do Chão)

[...] [ITA?] / [...] RECIPI [...] / [A]VITI • F(*ilius*) / V(*otum*) • A(*nimo*) • L(*ibens*) • [S(*olvit*)]

Uma das situações onde é mais difícil a correspondência entre a peça e o local de proveniência. Foi encontrada *numa arrecadação da Coudelaria de Alter, mas provém de um sítio próximo denominado Reguengo* (Timóteo *et alii* 1978: 282). Apesar de um projecto de investigação recente ter realizado prospecções sistemáticas no perímetro da Coudelaria, a situação permaneceu inconclusiva: *Desconhecemos onde estes autores terão obtido essa informação, contudo, na área do Reguengo, tanto no interior da Coudelaria, como fora, não identificámos vestígios romanos que justificassem a presença desta ara* (Oliveira 2006 226). Uma questão em aberto, portanto.

Bibliografia: IRCP nº 614

XI. Revelhos (Arronches)

LIBI/RAII

Epígrafe com menção insólita, pois *são pouco frequentes as dedicatórias feitas exclusivamente a Libera; a deusa surge associada, dum modo geral,*

⁸ De resto, as referências seguintes são bem mais enigmáticas: *Na vertente oeste, aparece [?] a camada de destruição [?], constituída por imbrices*. De acordo com a Base de Dados Endovélico, <http://www.ipa.min-cultura.pt/>.

a Liber, formando um par favorável à fecundidade ligado ao movimento dionisiaco (IRCP n° 567).

Subjacente à elevação onde se ergue a igreja de S. Bartolomeu, sede da antiga freguesia homónima, encontra-se uma extensa *villa* romana, infelizmente muito afectada pelos usos posteriores do solo. No local já António Thomaz Pires (1901 213) havia recolhido algum material arqueológico para o Museu de Elvas, registando-se ainda a existência de mosaicos. O local encontra-se a curta distância de um troço de via romana, possivelmente, do Itinerário XV de Antonino. Os vestígios são suficientemente relevantes para que Mário Saa (1967 40-41) tivesse proposto aqui a localização da *mansio* de *Matusarum*.

Bibliografia: IRCP n° 567; RP 6/157

XII. Ervedal (Avis)

FONTAN[O] [?] / SACRVM / THREPTVS C(ait) APPVLEI / SILONIS •
SER(vus) V(otum) S(olvit) L(ibens) • A(nimo) / OB • AQVAS • INVENTAS

A notícia da identificação da epígrafe é-nos dada por José Leite de Vasconcelos: [...] *a ara encontrou-se em 1870 num campo chamado Tapada da Alameda [...]. Ao pé havia uma nascente grande de agoa [...]. À superfície do terreno descobrem-se muitos cacos antigos* (Vasconcelos 1913: 620-621). O sítio encontra-se actualmente em escavações promovidas pela Câmara Municipal de Avis, esperando-se que seja possível determinar a funcionalidade e características estruturais deste local.

Bibliografia: IRCP n° 437; RP 6/135

XIII. Castelo (Avis)

RVFINV/S RVFI F(ilius) / BANDI • SIAISABRIO • V(otum) A(nimo) L(ibens)
S(olvit)

Epígrafe que apresenta conteúdos muito interessantes, dada a menção a um teónimo já conhecido, pertencente ao grupo *Band-*, com o epíteto (local?) *Saisabro*.

Apesar do sugestivo topónimo não se conhecem ocupações antigas no local⁹. Todavia, na base da elevação encontra-se a *villa* de Bembelide, em cujas casas do monte a peça foi recolhida, um sítio que foi objecto de intervenção

⁹ Situação observada nas prospecções no âmbito da Carta Arqueológica de Avis efectuadas por Ana Ribeiro, a quem agradeço a informação.

arqueológica nos anos setenta, tendo sido posteriormente *destruída por movimentação de terras (Endovélico)*.

Bibliografia: FE 46 n° 206, 1994

XIV. Torre de Palma (Monforte)

M(arcus) • COELI[VS] / CEL[S]VS / MARTI / A(nimo) L(ibens)

Executado por um dos prováveis proprietários da *villa*, um raro testemunho epigráfico do culto a Marte. Infelizmente, apesar de se tratar de um sítio extensamente escavado, não conseguimos perceber qual o contexto de descoberta da epígrafe. Apenas merece uma lacónica menção de Manuel Heleno: [...] *uma grande igreja do séc. XIV. Próximo encontrou-se posteriormente uma ara [...]* (1962: 337). A análise da correspondência enviada por João Lino da Silva, funcionário do MNA encarregue de orientar os trabalhos no terreno, menciona o achado da ara *dentro de um poço*¹⁰ o que objectivamente não é muito esclarecedor e inviabiliza a possibilidade de percebermos onde estaria o *lararium* doméstico no qual a peça certamente estaria colocada.

Bibliografia: IRCP n° 568; RP 6/144

XV. Santa Maria (Monforte)

NYMPHIS / AVITVS / PROCVLI / F(ilius) • PRO SA/LVTE • FLA/CCILLAE
• FL/ ACCI (filiae) • VC/XORIS • SVAE / V(otum) • L(ibens) • A(nimo) • S(olvit)

Segundo testemunho do culto às ninfas recenseado nesta zona, aqui com propriedades salutíferas (PRO SALVTE). A epígrafe, hoje em paradeiro desconhecido, foi encontrada depositada na igreja de Santa Maria. Pela inexistência de nascentes termais em Monforte – apesar de um topónimo “Fadagosa” – será proveniente do balneário de Cabeço de Vide, com comprovada ocupação romana.

Bibliografia: IRCP n° 569; RP 6/147

XVI. Monte das Esquilas (Monforte)

LARIBVS/ VIALIBVS / L • P •

O único testemunho do culto aos Lares Viales encontrado na província é proveniente da Herdade da Fonte Branca: *Continuando pela via imperial, 300*

¹⁰ Cartas de J. Lino da Silva, Maço Extra, entrada de 17.XI.62, Arquivo Manuel Heleno, MNA.

metros adiante das Esquilas, achamos, em um pequeno outeiro, e rente do caminho restos de volumosa silharia granítica dum templo romano, do qual exumei um altar; consagrado aos deuses dos caminhos, os Lares Viais [...] (Saa 1956 292). Dois aliciantes: a menção a uma estrutura de enquadramento da peça, para mais com elementos monumentais, e a proximidade a um troço de via, possivelmente o Itinerário XIV de Antonino. A prática agrícola no local terá fortemente destruído ambas as evidências. No terreno apenas é visível uma mancha de cerâmica de construção, pouco significativa.

Bibliografia: RP 6/178

XVII. Herdade da Defesinha (Campo Maior)

Q[...] P[...] D(eae) S(anctae) [Turubrigensi] /V(otum) Q(uod) F(ecit) A(nimo) L(ibens) [P(osuit)] / ... / E(x) M(onitu)

Mais um dos numerosos casos com que nos deparamos neste território de uma informação de proveniência aparentemente precisa, mas que na prática nada esclarece: *A ara tinha aparecido quando se arava com um tractor na Herdade da Defesinha* (Diogo 1984 9). No terreno deparamos com uma propriedade que se estende por várias centenas de hectares, e onde, na área percorrida, constituída por extensos terraços fluviais, não se detectam quaisquer vestígios. Na margem oposta, no extenso arco entre Lapagueira, Malha-Pão e Pombinha, existem recolhas diversas de materiais que apontam para contextos de necrópole (epígrafe funerária) e de uma *villa*, para além de ser óbvia a relação espacial com o itinerário da via XV materializada nos impressionantes alicerces da ponte de N. Sr.^a da Enxara¹¹. Uma última nota para referir que o epíteto *Turubrigensi* é meramente especulativo.

Bibliografia: FE 8 n.º 32; RP 6/166

XVIII. Santa Eulália [Santa Catarina] (Elvas)

VALGIVS / MARCI F(ilius) / ARAM BE / LLONAE / DE VOTO [POS]V[I] T (?)

Atribuída genericamente a Santa Eulália, a notícia da sua descoberta é mais precisa: *Foi achada, em 1993, no leito seco da barragem do Caia, no meio das pedras que serviam de base ao altar, em ruínas, da antiga capela da invocação de Santa Catarina [...]. [...] esta capela assentava sobre construções romanas [...]*¹². Hoje está semi-coberta

¹¹ Ver, por exemplo, Alarcão 2006 230, com bibliografia.

¹² FE 46, n.º 207, 1994.

pelas águas da albufeira do Caia, e por isso sofrendo grande degradação estrutural.

Bibliografia: FE 46 n° 207

XIX. Termo desconhecido (Elvas)

SECVNDYTIV/S • VICTORIN[NVS • E] [?] / [...ENSIBVS?] / [PRO SALVTE SVA?] / V(*otum*) • A(*nimo*) • L(*ibens*) • S(*olvit*)

Um caso onde se levantam fundadas dúvidas em relação ao contexto de proveniência. A peça foi depositada no Museu de Elvas, sem mais esclarecimentos. Dadas as dificuldades de leitura do texto, poderá haver uma ténue hipótese de ser a mesma epígrafe que Mário Saa encontrou *Entre Esquilas e S.ta Eulália, não longe do M.te de D. Miguel, apareceu uma ara consagrada à deusa Victoria* (Saa 1956 195). Mas as dúvidas são ainda mais amplas: é possível que se trate de uma epígrafe dedicada por um Victorinus a um teónimo indeterminado.

Bibliografia: IRCP n° 575

XX. Termo desconhecido (Elvas)

DEE SANCTE / BVRRVLOBRI[I] / [G]ENSI Q(*uintus?*) I(*ulius?*) EM(*eritus?*) / [A(*nimo*)] • L(*ibens*) • V(*otum*) • S(*olvit*)

Leite de Vasconcelos refere que *estive no Museu de Elvas, onde vi uma lapide aparecida nessa cidade [...] (1905 174)*, sem mais pormenores. Esta peça levou à especulativa hipótese de atribuição do topónimo *Burrolobriga* ao local de implantação da cidade de Elvas, cujo perfil de ocupação em época romana nunca foi devidamente esclarecido, mas nada garante que a peça seja originária do núcleo urbano.

Bibliografia: IRCP n° 566

XXI. As aras a Prosérpina na região de Elvas (Elvas)

XXI.1. Fonte Branca (Elvas)

PROSERP(*inae*) / TONCIVS / [...] / [...]
Bibliografia: IRCP n° 574

XXI.2. Fonte Branca (Elvas)

DEAE PROSER/ PINAE [...] / RVSTRI V(*otum*) • L(*ibens*) • A(*nimo*) • S(*olvit*)

Bibliografia: IRCP n° 573

XXI.3. Termo de Elvas

Q(*uintus*) • HELVIVS / SILVANVS / PROSERPIN / AE • VOTVM / s(*uum*?)

• NA(*imo*) L(*ibens*) • P(*osuit*)

Bibliografia: IRCP n° 570

XXI.4. Termo de Elvas

PROSER/ PINAE / SANCTAE / G(*aius*) • IVLIVS / PARTHENOP / AEVS •

VOT(*um*) / QVOT[*sic*] • FECIT / A(*nimo*) • L(*ibens*) • P(*osuit*)

Bibliografia: IRCP n° 571

XXI.5. Termo de Elvas

PROSERPINAE / SERVATRICI / C(*aius*) • VETTIVS • SIL/ VINVS • PRO •

EV/ NOIDE • PLAVTIL/LA • CONVIGE • SIBI / RESTITVTA • V(*otum*) • S(*uum*?)

• A(*nimo*) • L(*ibens*) • P(*osuit*)

Bibliografia: IRCP n° 572

Conjunto de grande relevância cultural e de notável homogeneidade. As duas primeiras epígrafes são atribuídas ao sítio de Fonte Branca, enquanto as restantes foram encontradas em depósito no Paço de Vila Viçosa, mas é de supor que a proveniência seja a mesma, até porque o provável depositante, Abel Viana, trabalhou na zona de Elvas. Sobre a localização de Fonte Branca, hoje um irrelevante subúrbio da cidade de Elvas, encontramos a referência no notável *Dicionário* de Vitorino d'Almada, esforço de labor individual que nunca logrou a dignidade que legitimamente merecia:

Fonte Branca (Torre da)

Atalaia de que resta uma só face, perto do sitio deste nome, à direita da estrada real para Badajoz. Foi provavelmente destruída pelos espanhóis na guerra da aclamação.

Este paredão fica a 1106 braças do Outeiro do Paraizo e a 919 do do Ouradinho¹³.

O local ainda hoje existe, com a estrutura arquitectónica referida por Almada marcando a paisagem. No terreno são evidentes os materiais cerâmicos indicadores de uma estrutura romana, à qual eventualmente se devem alguns taludes que são perceptíveis. A alvenaria do edifício incorpora blocos de granito que terão pertencido a construções anteriores. Mais uma vez a relação

¹³ Almada [s.d.] Vol. 18 - Fil-Fon, Arquivo Municipal de Elvas.

com um itinerário viário é evidente, tratando-se possivelmente da via XII que cruzaria o Guadiana um pouco mais a Este, próximo de Alfarófia.

XXII. Senhora dos Mártires (Estremoz)

M(atrī) D(eum) S(acrum) // I(ulius) MAXIMI/ANVS A(nimo) L(ibens)
P(osuit) / PRO H(uius) M(onumentī) N(umini) E(rectionem) / PECVLIVM

Único testemunho do culto à Deusa Cíbele nesta região. O seu local de proveniência é um dos mais interessantes desta zona, embora nunca devidamente tratado: [...] o achador [...] declarou que eles provinham da grande estação arqueológica da Senhora dos Mártires, a sueste de Estremoz, da qual faz parte o conhecido «Tanque dos Mouros» (Almeida e Ferreira, 1967 47). Esta estrutura hidráulica, infelizmente quase ignorada e nunca devidamente valorizada, seria peça fundamental de um conjunto de sistemas hídricos ligados à actividade de extracção e transformação de mármore e ao abastecimento de um aglomerado urbano secundário, possível *vicus*, situado na envolvente da actual Igreja da Senhora dos Mártires. O conjunto estaria também relacionado com a passagem da via XII do Itinerário de Antonino.

Bibliografia: IRCP n° 440; RP 6/208

XXIII. Bencatel (Vila Viçosa)

FONTANO / ET • FONTANAE / PRO SALVT(e) • AL/BI • FAVSTI • ALBIA
/ PACINA • V(otum) • S(olvit) • A(nimo) • L(ibens)

A epígrafe tem sido genericamente atribuída a “Bencatel”, sem uma localização mais específica. Uma leitura mais atenta da notícia de recolha permite definir o seu contexto de proveniência: [...] a ara achou-se nos campos dos Vilares (Bencatel), no sítio da Acenha das Freiras, ao pé de uma fonte. [e em nota de rodapé:] Já aí estive. A fonte é terrenha, i. é, brota do chão. Podia ser transformação da antiga, caso ali tivesse tido, realmente, a sua sede o culto de Fontanus e Fontana. No terreno em volta vi muitos fragmentos de tegulas e pedras-mármore aparelhadas; e soube também que ali apareceram moedas romanas. (Vasconcelos 1905 256). A componente sacra do local é evidente: próximo de Aldeia da Freira encontra-se, ainda hoje, a Azenha da Saúde, e mais tarde constrói-se nas proximidades um edifício dedicado a Santa Ana, um dos hagiotopónimos que encontramos com frequência cristianizando locais de culto anteriores.

Bibliografia: IRCP n° 438; RP 6/245

XXIV. Termo de Borba? (Borba ?)

C(aius) • LICINIVS • VEGETVS / QVANGEIO • TVRICAECO / V(otum)

L(*ibens*) S(*olvit*)

Epígrafe completamente desgarrada de qualquer contexto arqueológico, pois foi encontrada em colecção de um antiquário de Borba, vila conhecida por esta actividade comercial em que os seus empenhados agentes têm grande alcance territorial na angariação de peças. O teónimo (aqui com um etnónimo inédito, *Turicaeco*) já é nosso conhecido, com ocorrências no extremo norte da área territorial aqui tratada. Não é líquido, como afirma o autor, que *tenha sido achada nas proximidades da vila*.

Bibliografia: FE 38, nº 174

XXV. Vale de Ourigo (Borba)

IOVI [SA]/CRVM / [.] RA [.] O /IVS [...] / ON ANIMO/O LIBE(n)S PO(*suit*)

Sem contexto arqueológico específico, uma vez que foi encontrada em colecção particular. Em Vale de Ourigo não se conhecem pontos de povoamento em época romana.

Bibliografia: Cardim 2002 422

XXVI. Pardais ? (Vila Viçosa ?)

SALUTI/PRO SALU/TE ACILI RU/FINI CANIE/IUS M(*erito*) A(*nimo*)

L(*ibens*)/ V(*otum*) S(*olvit*)

Designação genérica de “Pardais”, o aglomerado urbano sede de freguesia,mas existem fundadas dúvidas sobre a proveniência da peça (IRCP nº 375). No imediato entorno da localidade conhecem-se vários pontos de povoamento relacionados sobretudo com a actividade de exploração de pedreiras de mármore. Infelizmente a exploração contemporânea destruiu muitos desses sítios romanos, como o caso dos importantes povoados (*villae*?) de São Marcos e de Fonte Soeiro. Com a sua habitual eloquência, Saa localiza aqui a estação de *Ad Adrum Flumen* e descreveu o que ainda pode observar: *A «cidade» dos Vilares, como aqui se diz, existira em torno da capela ou ermida de S. Marcos. A «cidade» desenvolvia-se para leste da capela, por terrenos extraordinariamente impregnados de fragmentos de telhas, no largo espaço que compreende Fonte da Moura e Fonte Soeiro. Colunas de mármore (pedra da região), silharia, pavimentos do costumado mosaico policrómico (em profusa quantidade), ladrilhos, objectos, inscrições, tudo aí aparece, e muito mais apareceu noutras idades, como referem monografias locais.* (Saa

1956 138). Hoje temos verdadeiras crateras onde da época romana nada restou.

Bibliografia: IRCP nº 375

3. Considerações gerais

Em síntese, o elenco pode ser sistematizado da seguinte forma:

Concelhos		Divindades	Vias	Sítios
Nisa	6	Quangeio Tango (3), Jupiter Repulsor (3)	?	Santuários (?)
Gavião	0	-	-	-
Castelo de Vide	2+1?	Andaeco (1)	?	<i>Villa</i> , Santuário ?
Marvão	7	IOM (4) Ocrimira (1) Toga Alma (1) Génio (1)	?	Cidade, Santuário
Portalegre	0	-	-	-
Crato	1	IOM (1)	XV	<i>Vicus</i>
Alter do Chão	1	?	XIV	?
Ponte de Sôr	0	-	-	-
Fronteira	1 (?)	Ninfas	XIV	Balneário
Arronches	1	Libera	XV	<i>Villa</i>
Monforte	2	Lares Viales (1) Marte (1)	XIV	<i>Villa</i> Santuário
Avis	2	Fontano, Bande Saisabro	?	<i>Villa</i>
Sousel	0	-	-	-
Campo Maior	1	Dea Sancta (Atégina)	XV	<i>Villa</i>
Elvas	8	Proserpina (5) Belona (1) Victoria (?), Ategina (1)	XII	Santuário
Estremoz	1	Cíbele	XII	Santuário de <i>vicus</i>
Borba	2	Quangeio Turicaeco (1) Jupiter (1)	XII	?
Vila Viçosa	1+1?	Fontano (1) Salus (1)	XII	<i>Villa</i> ?

Em visão geral podemos considerar que, também neste campo, observamos a existência de duas grandes áreas culturais. Temos por um lado o âmbito noroeste, no arco de Avis, Ponte de Sôr, Gavião, Nisa, Castelo de Vide e Marvão, onde as epígrafes são numericamente mais escassas e estão claramente vinculadas, quer no campo antroponímico, quer teonímico, a um fundo cultural onde a romanização parece ser mais superficial ou epidérmica. Da outra parte o bloco sudeste, mais multicultural, plenamente romanizado, aberto inclusive a influências alógenas, com divindades de âmbito oriental e dedicantes de onomástica grega, configurando um universo cultural de sólida adesão à mundividência clássica. Dito em discurso mais determinista, uma diferença entre o mundo que encontramos nas duas margens do Tejo e o existente no espaço da bacia do Guadiana, funcionando esta como área de

prolongamento natural das influências civilizacionais que irradiam a partir da capital provincial.

A heterogeneidade de estruturas integradoras das epígrafes é relevante: para além dos aglomerados urbanos (de primeira e segunda ordem) e de *villae*, teríamos santuários ou mesmo complexos cultuais, o que manifestamente merece uma atenção apurada na identificação das realidades de terreno.

Bibliografia

1. Abreviaturas

FE = *Ficheiro Epigráfico*

IRCP = José d'Encarnação (1984), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra.

RP = Jorge de Alarcão (1988), *Roman Portugal*. London.

2. Geral

Rafael Alfenim (1991), “Ex-voto a Quangeio Turicaeco”, *Ficheiro Epigráfico* 38, nº 174.

J. M. Almeida e F. B. Ferreira (1967), “Varia epigraphica”, *Revista de Guimarães* 77 47-69.

José Ribeiro Cardim, coord. (2002), *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa.

Rogério Carvalho (1987), “Ara votiva de N. Sr.^a dos Prazeres (Nisa)”, *Ficheiro Epigráfico* 23, nº 106.

Fernando Patrício Curado (1987), “Fragmento de ara de Nisa”, *Ficheiro Epigráfico* 23, nº 103.

António Dias Diogo (1984), “Ara votiva de Ouguela, Campo Maior (*Conventus Pacensis*)”, *Ficheiro Epigráfico* 8, nº 32.

José d' Encarnação (1994), “Ara votiva identificada em Avis (*Conventus Pacensis*)”, *Ficheiro Epigráfico* 46, nº 206.

_____ (1995) “Ara votiva da Colegiada”, *Ficheiro Epigráfico* 49, nº 221. Coimbra.

Jean-Gérard Gorges (1979), *Les Villas Hispano-Romaines: inventaire et problématique archéologiques*. Paris.

Manuel Heleno (1962), “A villa lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte)”, *O Arqueólogo Português*, Série IV, 313-338.

T. Maciel, J. Maciel, J. Encarnação (1994), “Ara a Belona, de Santa Eulália (Elvas) (*Conventus Emeritensis*)”, *Ficheiro Epigráfico* 46, nº 207.

Vasco Mantas (2000), “A sociedade luso-romana do município de *Ammaia*”, in J. G. Gorges e T. Nogales Basarrate, coord., *Sociedad y cultura en Lusitania romana*, IV^a mesa redonda internacional. Mérida, Junta de Extremadura, 391-420.

- Jorge de Oliveira (2006), *Património arqueológico da Coudelaria de Alter*. Lisboa/Évora.
- Jorge de Oliveira, Sérgio Pereira, João Parreira (2007), “Nova Carta Arqueológica do concelho de Marvão”, *Ibn-Maruan* 14.
- Afonso do Paço (1953), “Carta Arqueológica do concelho de Marvão”, *Congresso luso-espanhol para o progresso das ciências – 7ª secção. Ciências históricas e filológicas*. Lisboa, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 93-119.
- Sérgio Pereira (2005), “A freguesia da Aramenha sob o domínio romano”, in Jorge de Oliveira, coord., “São Salvador da Aramenha. Histórias e Memórias da Freguesia”, *Ibn-Maruan* 13 35-61.
- António Thomaz Pires (1901), “Catalogo do Museu Archeologico de Elvas”, *O Archeologo Português* 4 209-236.
- Maria da Conceição Rodrigues (1975), *Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide*. Lisboa.
- Mário de Saa (1956-1967), *As grandes vias da Lusitânia: O itinerário de Antonino Pio*. Lisboa, 6 volumes [vol. I 1956, III 1967].
- Maria Abranches Timóteo (1978), “Arqueologia romana do concelho de Alter do Chão (Subsídios para o seu estudo)” in *Actas das III^{as} Jornadas Arqueológicas*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 273-292.
- José Leite de Vasconcellos (1905-1913), *Religiões da Lusitânia*. Lisboa, 3 vols.[Vol. II 1905, III 1913].
-
- (1930-1931), “Antiguidades Alentejanas”, *O Archeologo Português*, Série 1 29 173-185.